

BIOMA CERRADO E MULHERES CERRADEIRAS: TERRA, TRABALHO E TRADIÇÃO

Josie Melissa Acelo Agrícola¹

Resumo

As Mulheres Cerradeiras, investigadas nesta pesquisa possuem vivências, interesses, experiências e um relacionamento estreito com o bioma Cerrado. Muitas delas foram expropriadas de suas terras e, aquelas que ainda estão na terra, muitas vezes em situação desfavorável, ainda conseguem desempenhar e se relacionar com Práticas Cerradeiras. A principal inquietação desta pesquisa foi analisar como as mulheres que vivem no e do Cerrado desempenham em seu cotidiano saberes e fazeres elaborados a partir da tradição camponesa em interação com o bioma. A área selecionada para a realização desta pesquisa foi a Microrregião Geográfica Sudoeste de Goiás. Utilizamos de técnicas de pesquisa/coleta de dados como entrevistas, fotografias e narrativas de vida e acompanhamos as rotinas diárias de 20 mulheres, residentes nos espaços rural e urbano, incluindo proprietárias de terras, quilombolas, trabalhadoras no campo, moradoras de aluguel ou em casa própria.

Palavras-chave: Práticas Cerradeiras; Saberes e Fazeres; Expansão Capitalista; (Re)existências.

CERRADO BIOME AND CERRADEIRAS WOMEN: LAND, WORK AND TRADITION

Abstract

The Cerradeiras Women, investigated in this research, have perceptions, interests, experiences and a close relationship with the Cerrado biome. Although many of them have been expropriated from their lands, or even those still in the land, but often in an unfavorable situation, they still manage to develop and relate themselves to Cerradeiras Practices. The main concern of this research is to analyze how the women living in and from the Cerrado utilizes in their daily lives the knowledge and practices elaborated from the farming tradition in interaction with the biome. The area selected for this study was the Southwest micro-region of the State of Goiás. We used techniques of research/data collection such as interviews, photographs and life narratives and monitor the daily routines of 20 women, living in rural and urban areas, including landowners, quilombolas, farm workers, renters or homeowners.

Keywords: Practices Cerradeiras; Knowledge and Know-how; Capitalist Expansion; Re-existences.

¹ Professora do curso de Gestão em agronegócio – Universidade Estadual de Goiás. Email: josiemelissa@hotmail.com

BIOME CERRADO ET FEMMES CERRADEIRAS: SOL, TRAVAIL ET TRADITION

Résumé

Les femmes Cerradeiras, étudiées dans cette recherche, ont des expériences, des intérêts, des expertises et une relation étroite avec le biome de Cerrado. Bien que bon nombre d'entre eux aient été expropriés de leurs terres, ou même de celles qui s'y trouvent encore, mais souvent dans une situation défavorable, ils parviennent toujours à jouer et à établir des liens avec les Pratiques Cerradeiras. Le principal objectif de cette recherche est d'analyser la manière dont les femmes qui vivent au et du Cerrado jouent dans leur vie quotidienne les connaissances et les pratiques élaborées à partir de la tradition paysanne en interaction avec le biome. La zone choisie pour cette étude était la micro-région sud-ouest de l'État de Goiás. Nous avons utilisé des techniques de recherche/collecte de données telles que des entretiens, des photographies et des récits de vie et suivi les routines quotidiennes de 20 femmes, vivant dans les zones rurales et urbaines, y compris les propriétaires terriens, les quilombolas, les ouvriers agricoles, les locataires ou les propriétaires.

Mots-clés: Pratiques Cerradeiras; Savoir et savoir-faire; Expansion capitaliste; Re-existence.

INTRODUÇÃO

O Cerrado constitui-se numa fração do território brasileiro que tem sido apropriado de variadas maneiras, sob as mais distintas ópticas, sendo que a lógica hegemônica tem sido a materializada pela expansão da agricultura empresarial capitalista, que se deu a partir dos anos 1970. Mesmo assim, ainda permanecem atividades que se utilizam de técnicas simples a partir dos elementos que o Cerrado oferece e que são utilizados para a produção de alimentos, artesanatos, remédios, práticas de rezas e curas, criação de animais, festas religiosas e até geração de renda.

No bioma Cerrado, o pacote tecnológico da Revolução Verde, baseado em aumento da produtividade a partir de tecnologias químicas e mecânicas, levou em consideração estritamente a esfera econômica, em detrimento do modo de vida da população cerradeira, que se viu obrigada a sair de suas propriedades e, de certo modo, abandonar o modo de vida que fora construído na relação com os elementos biológicos do Cerrado, incorporadas pelos agricultores capitalistas que “precisavam” de áreas cada vez maiores para implantar um padrão produtivo que se viabiliza somente em grande escala.

Mesmo diante dessa tecnificação imposta pelo capital, os Povos Cerradeiros seguem (re)criando e (re)inventando práticas e costumes que se estruturam e fundamentam nas tradições culturais e são mantidos e utilizados nas rotinas diárias dessas famílias. Esses conhecimentos constituem o quadro geral de saberes e fazeres socialmente desenvolvidos, denominados nesta pesquisa como Práticas Cerradeiras, sendo as mulheres de fundamental importância para a manutenção dessas tradições e a transmissão desses conhecimentos, uma vez que esses saberes e práticas são tradicionalmente tidos no interior e nos arredores das residências, sendo praticados na esfera familiar.

As mulheres investigadas nesta pesquisa, possuem vivências, interesses, experiências e um relacionamento estreito com o bioma Cerrado, adquiridos ao longo de suas vidas e passados pelos seus antepassados. Muitas delas foram expropriadas de suas terras, e aquelas que ainda estão na terra, muitas vezes em situação desfavorável, ainda conseguem desempenhar e se relacionar com Práticas Cerradeiras, de modo que tais elementos permitem, inclusive, contribuir para viabilizar suas sobrevivências.

Os saberes e fazeres e Práticas Cerradeiras investigadas envolvem algumas categorias básicas da produção/manutenção da vida no campo, como: saúde, alimentação, trabalho, religião e educação, entre outros.

A principal inquietação desta pesquisa foi analisar como as mulheres que vivem no e do Cerrado desempenham em seu cotidiano saberes e fazeres elaborados a partir da tradição camponesa em interação com o bioma, no contexto de luta pela terra e afirmação identitária, assim como refletir sobre a resistência desses conhecimentos diante da expansão capitalista.

A pertinência dessa pesquisa está em compreender como essas práticas, saberes e fazeres descritos ainda são mantidos e praticados, bem como as formas com que esses conhecimentos foram aprendidos e transmitidos. Além da investigação e reflexão sobre as razões pelas quais esses conhecimentos e práticas resistem à força do sistema capitalista.

A pesquisa empírica foi realizada com 20 mulheres que possuem saberes diversificados e relacionados com o Cerrado, residentes no meio urbano ou rural da Microrregião do Sudoeste de Goiás. O trabalho de acompanhamento a essas 20 mulheres ocorreu entre julho de 2017 e julho de 2019. Realizamos uma entrevista com cada mulher, acompanhamos suas rotinas diárias por 2 a 5 dias e registramos suas narrativas de vida. Registros fotográficos e de áudio foram realizados durante nossa estadia nas residências.

Além da entrevista, que ocorreu de forma semiestruturada, a narrativa de vida foi uma técnica de coleta de informações utilizada. As narrativas foram ocorrendo conforme as memórias vinham sendo trazidas, de forma temporal e emocional, sempre com informações adicionais complementando a entrevista. Deixamos que elas contassem os fatos de acordo com suas lembranças, de forma com que a história fluísse de maneira espontânea.

Refletir sobre os saberes e fazeres das Mulheres Cerradeiras, seus cuidados com a terra, a busca por sua soberania e empoderamento, a manutenção dos conhecimentos e práticas culturais, mesmo diante do significativo avanço das relações capitalistas de produção é importante do ponto de vista de divulgar esses saberes e relacioná-los à necessidade de preservar o bioma para que se fortaleça sua relação com o mesmo, fazendo com que tais modos de vida, práticas e conhecimentos afirmem-se relevantes para a preservação do Cerrado e também para o empoderamento dessas mulheres, historicamente marginalizadas e reprimidas pela comunidade e pela família tradicionalmente patriarcal.

BIOMA CERRADO: GEOGRAFIA, TRABALHO E TRADIÇÃO

É comum o Cerrado ser apresentado como um bioma “feio e improdutivo”. Consequentemente, também o povo que habita tal território ser considerado como “atrasado e pobre”. Segundo Silva e Bueno (2015, p. 197) “[...] uma visão de desprezo, criada por atores externos aos ambientes, povos e culturas cerradeiros”.

Mazzetto Silva (2005) pontua que o Cerrado pode ser chamado de Lugar-Habitat ou Lugar- Mercadoria. Para o autor, aquele que mora no bioma e utiliza de seus elementos o tem como seu habitat. Enquanto que, servindo ao capital, o bioma é utilizado somente como fornecedor de meios para a exploração. Este então é tido como mercadoria e o homem não possui relação nem (consequentemente) sentimento de pertencimento a este bioma. Apoiamo-nos nessa constatação para nos referirmos ao Cerrado como território das Mulheres Cerradeiras que dele extraem o necessário para colocarem em prática seus saberes e fazeres, produzindo alimentos, remédios, buscando cura, lazer e arte.

O Cerrado Lugar-Habitat teorizado por Mazzetto Silva (2005), bem como a noção de pertencimento e de identidade, são enfatizados nas correntes que priorizam as dimensões simbólicas-culturais.

As monoculturas chegam em Goiás adentrando a região sudoeste e, à sombra da lucratividade das grandes propriedades, levas de migrantes são expropriadas do campo. O Cerrado enquanto bioma retrai, as cidades expandem-se. A dominação do interior do sertão do Brasil, a exemplo do que ocorreu séculos antes nos Estados Unidos da América, obteve do ponto de vista do ideal capitalista, ainda colonizador, um forte êxito (LIMA e CHAVEIRO, 2010, p. 69).

O modelo de agricultura capitalista monocultor e exportador é gerador de um processo de expropriação que expulsa o camponês e o pequeno produtor de suas terras e também tem sido responsável pela degradação do Cerrado, tornando-o imensos campos de soja e cana-de-açúcar. Essa relação capitalista de produção em busca do lucro e crescimento econômico, faz do Cerrado apenas um Lugar-Mercadoria, enquanto que no Cerrado como Lugar-Habitat ocorrem as resistências dos saberes e a afirmação dos povos que ali ainda persistem.

“Região do pau torto”, “lugar de vegetação feia, solo pobre, povo rude”, “região letárgica”, “sertão inóspito”, “espaço opaco e vazio”, “floresta de cabeça para baixo”. Ou: “celeiro do Brasil”, “caixa d’água do planeta”, “corredor produtivo”: eis duas modalidades de representação do Cerrado goiano, uma negativa e outra positiva, enunciadas por diferentes atores em momentos históricos distintos (CHAVEIRO e BARREIRA, 2010, p.15).

Segundo Chaveiro e Castilho (2007, p. 02), “O Cerrado definitivamente inserido na economia global assanha os ‘homens de negócio’, mobiliza as instituições que desejam usurpá-lo do que ainda resta, especialmente das classes de sua vegetação”.

É nesse cenário de representatividade e necessidade de preservação e conservação que se iniciam estudos que priorizem os valores reais desse bioma, avaliando sua riqueza, não somente animal e vegetal, como também humana e cultural.

O que hoje constitui o Cerrado foi o ontem do sertanejo, que criava extensivamente o gado, cultivava o arroz, o feijão, o milho, a mandioca, a abóbora d’água para a subsistência diária; que se banhava no “corgo” após a “lida na roça”; os vários ambientes da casa de pau-a-pique, da reza, da festa e da “comilança” que acontecia no decorrer dos mutirões para “bater pasto”. Nesta perspectiva, o Cerrado foi sendo composto, decomposto e recomposto, permitindo e resistindo às estratégias de reprodução do capital (INOCENCIO, 2010, p. 46).

O atual modelo brasileiro em que se perpetua a concentração de terras com vistas à monocultura, o uso indiscriminado de recursos naturais, principalmente água para irrigação e o desmatamento, colocam à beira da extinção populações tradicionais, que fragilizadas e marginalizadas encontram duas saídas: as periferias urbanas, ou a luta pela terra. Somente

a redistribuição de terras com políticas públicas voltadas para a ocupação dessas áreas por populações camponesas, índios, quilombolas, Povos Cerradeiros seria capaz de reverter esse cenário desolador de destruição, não somente do bioma Cerrado, mas de outros considerados importantes para o equilíbrio climático, para o regime de chuvas, abastecimento hídrico, enfim, para a manutenção da vida em todo o país.

Os Povos Cerradeiros possuem em sua essência profunda relação com os recursos naturais do bioma onde eles constituem seu modo de vida, suas atividades e seus saberes e fazeres. O conhecimento que eles possuem da natureza e suas relações se refletem no manejo desses recursos de forma preservacionista e a necessidade de que esses saberes e fazeres pudessem ser ensinados para outras gerações se faz latente e observável em minutos de conversas.

Para Diegues e Arruda (2001, p. 42), o saber tradicional é:

O saber acumulado das populações tradicionais sobre os ciclos naturais, a reprodução e migração da fauna, a influência da lua nas atividades de corte da madeira, da pesca, sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais, as proibições do exercício de atividades em certas áreas ou períodos do ano, tendo em vista a conservação das espécies.

Nesse sentido, Diegues e Arruda (2001), indicam a contraposição entre o conhecimento tradicional, ou etnociência, e o conhecimento científico-moderno. De um lado as sabedorias e crenças acumuladas pelas populações tradicionais e, do outro, o saber oriundo das ciências. Enfim, é evidente e desafiador a necessidade de conciliar os saberes e fazeres tradicionais com os conhecimentos científicos. Para Diegues e Arruda (2001) é necessário a compreensão da razão existente dentre os saberes e fazeres dos povos tradicionais.

Woortmann (2016, p. 50) afirma que:

As práticas tradicionais desenvolvidas por comunidades resultam do manejo dos recursos disponíveis com relação a um ambiente percebido, um fenômeno desenvolvido no interior de grupos tradicionais, muitos dos quais hoje em fase agonística enquanto cultura ou em situação de crise ambiental aguda. Em alguns casos essas práticas ainda estão sendo operacionalizadas, em outros, elas somente estão no plano da memória dos idosos e em outros ainda, essas práticas já foram seletivamente deletadas.

Esses saberes e fazeres são adaptados por anos de observação e conhecimentos da natureza. São práticas que se adaptam e se redesenam conforme as necessidades da população, sem perder a lógica da preservação ambiental e sem render-se ao capital.

Numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedade em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total (DIEGUES e ARRUDA, 2001, p. 24).

Os Povos Cerradeiros desenvolveram em suas tradicionalidades práticas e técnicas em que pudessem utilizar os elementos do Cerrado conforme o bioma fosse oferecendo possibilidades, sem exaurir o solo e com profundo sentimento de respeito pela água. Suas atividades, de forma oposta à agricultura comercial (exportadora, expropriadora e exauridora), são desenvolvidas em associação com a natureza, com profundo respeito aos seus ciclos. Essas sociedades (tradicionais e comerciais) utilizam-se do mesmo bioma com duas racionalidades distintas. Enquanto os povos tradicionais trabalham os elementos naturais em benefício de suas existências, com vistas a alimentação, vestuário, lazer, crenças religiosas, com respeito aos ciclos da natureza, a capacidade de recuperação das espécies animais e vegetais, os agricultores capitalistas o fazem somente em busca do lucro monetário.

Sentir-se parte do lugar onde vivem, utilizar do seu conhecimento tradicional, do conjunto dos seus saberes e fazeres, estar em sintonia com o ambiente em que vivem, transmitir esses conhecimentos intrincados de sentimentos para suas gerações vindouras, tudo isso demonstra respeito e capacidade de preservação.

DAS AQUARELAS DO PASSADO AOS TONS DE CINZA DA REALIDADE: OS SABERES E FAZERES DAS MULHERES CERRADEIRAS

Dias de acompanhamento e horas de conversas nos proporcionaram registros documentais de um passado repleto de experiências muitas vezes desconhecidas e não sintetizadas de forma metódica. Compreender como viveram e os elementos que constituem o presente dessas mulheres e realizar aqui um registro dessas narrativas de vida e pinturas de passado é a documentação de saberes e fazeres, de memórias que ajudam a compreender o presente dando voz ao silêncio, trazendo à luz antagonismos que constituíram as mulheres que temos aqui presente neste artigo e em todo o Cerrado brasileiro.

Uma característica observada em todas as mulheres entrevistadas é o retorno ao passado e a constituição detalhada na memória do local onde cresceram e aprenderam todos seus saberes e fazeres. Nem todas foram capazes de passar esse desenho mental para

seu mapa mental, mas em nossas conversas pude visitar cada localidade descrita por elas e sentir o sentimento delas, de amor e desapropriação, de saudade e tristeza, de fartura e presente, dada a riqueza nos detalhes reproduzidos ao longo das suas narrativas de vida.

Conversar com essas mulheres nos proporcionou compreender como cada indivíduo é capaz de reagir às emoções de forma diferenciada, percebendo o espaço de acordo com sua maneira de observá-lo. A união das informações captadas com o mapa mental, as narrativas de vida e as fotografias nos proporciona um retrato de cada mulher investigada, permitindo uma viagem ao seu passado com registros do presente.

Quais as mulheres que encontramos no decorrer desta pesquisa? Mulheres em sua única representação do feminino? Ou mulheres trabalhadoras, produtoras e mantenedoras? Reconhecer a Mulher Cerradeira e seus saberes e fazeres como essencial na função de produção e reprodução demonstra que elas não possuem um prolongamento das atividades do lar, e sim suas funções na economia e na família. Assim afirmam Carneiro e Teixeira (1995, p. 47): “A invisibilidade da participação feminina na produção fica evidenciada pela valorização social de sua atuação como ‘ajuda’ ou ‘complemento’”.

O sentimento da Mulher Cerradeira para com o território Cerrado não é de ter, de possuir o Cerrado, e sim de ser. Ser do Cerrado justifica uma não desterritorialização dessas mulheres quando são expulsas do meio rural e vão para as cidades e, sim uma expropriação, uma vez que ao perder a posse da terra, ainda resta nelas o sentimento de pertencimento. Não que o Cerrado a elas pertença, e sim que elas são do Cerrado. Assim justifica-se a inserção de Mulheres Cerradeiras que vivem nas cidades como sujeitas desta pesquisa. Os saberes e fazeres das Mulheres Cerradeiras são adaptados por anos de observação e conhecimentos da natureza. São práticas que se adaptam e se redesenham conforme as necessidades sem perder a lógica de preservação ambiental e sem render-se ao capital.

As crenças nas benzeduras atravessam gerações e estão ligadas aos saberes populares, às tradições de cada povo. Cada mulher tem seu ritual na hora de benzer, chamar os santos, anjos, espíritos protetores, sussurrar palavras e orações, versos e rimas. Enquanto algumas abrem a torneira para que a água leve os males embora, outras utilizam crucifixos, ramos de plantas capazes de sugar a energia ruim que está acompanhando a pessoa.

Encantada com os olhos azuis claríssimos de Dona Juliana e com a calma com que

ela contava suas benzeções, perguntei:

- Se pedir, a senhora me ensina a benzer, a senhora sabe me ensinar?
- Se você tiver ideia pra aprender... que tem umas que é até facinha, às vezes tem umas que é custosa. Tem um sobrinho meu que fala: - não, tia, aprendi nadinha não, é tudo custoso demais. Ensinei, mas ele não aprendeu não. Vem muitos aqui pra eu ensinar, mas eu faço é escrever assim num papel, conforme as oração que eles quer aprender... Mando eles escrever num papel... E aí é só rezar. Mas tem que ter é fé. (D. Juliana, Entrevista, 2017).

Dona Zenaide, Fotografia 1, nos mostra sua horta e nos conta como mantém suas próprias sementes:

Não compro semente. Pense bem, você vai lá na cidade e compra R\$ 60,00 de sementes. Chega aqui, planta e não vinga nada. Então você perdeu R\$ 60,00. Dali um pouco perde R\$ 120,00 e assim por diante. Utilizando a minha semente, eu não gasto nada e ainda sei que estou usando uma semente garantida, que já uso há anos. Todo ano eu tiro as sementes e guardo pro plantio do ano seguinte. (D. Zenaide, Entrevista, 2017).

Fotografia 1 – Dona Zenaide nos levando para conhecer sua horta



Fonte: Pesquisa de campo, 2017
Autoria: O autor

Essa é a profunda relação da mulher com os recursos naturais do bioma onde constitui seu modo de vida, suas atividades e seus saberes. Seus cuidados com família justifica o fato de termos selecionado apenas mulheres para esse estudo. Em suas atividades no lar e no seu entorno, elas perpetuam seus conhecimentos, transmitindo-os para suas gerações vindouras. São culturas tradicionais que são trocadas entre vizinhos, famílias e amigos. Conhecimentos que se desenham em remédios, garrafadas, chás, pratos típicos com alimentos do Cerrado, crenças religiosas, artesanatos com cascas de árvores,

raízes, sementes, extração do mel e inúmeros outros. Suas relações se refletem no manejo desses recursos de forma preservacionista e a necessidade de transferir esses saberes para outras gerações se faz latente e observável em minutos de conversas.

Dona Maria Eloá demonstra seu sentimento de pertencimento ao Cerrado a partir de seus poemas e histórias de vida. Com muito zelo pela gramática e ortografia da língua portuguesa, a qual ela se orgulha de ter sido ensinada por sua mãe em casa, ela conta o Cerrado por meio de versos e rimas, muitos deles declamados. Dona Eloá nasceu e cresceu no meio rural, hoje aos 93 anos é casada e mora na cidade. Praticamente autodidata, tendo sido alfabetizada em casa pela mãe, é poetiza, tecelã, borda e ensina Esperanto. Sentada no sofá (Fotografia 2), autografa livros de sua autoria entre quadros e almofadas bordados por ela.

Fotografia 2 – Dona Maria Eloá autografando o livro que nos presenteou



Fonte: Pesquisa de campo, 2017
Autoria: O autor

Cercada por estantes repletas de livros, Dona Maria Eloá possui estreito relacionamento com o mundo virtual. Utilizando a internet, se comunica com pessoas no mundo todo por meio da língua Esperanto. Perguntei a ela o que os amigos esperantujos falam sobre o Brasil e ela me disse que todos se assustam com o golpe sofrido pelo país. Política e poesia se misturam em uma mulher de aparência doce e que se revela uma muralha em suas palavras. Esperanto em português significa esperançoso, é assim que ela diz se sentir em relação ao Brasil.

É o sentimento de pertencimento ao território que reafirma nosso posicionamento de que os povos cerradeiros foram expropriados de suas terras e alijados da plena interação com o Cerrado e seus elementos, a partir do avanço das relações capitalistas de produção.

Os saberes e fazeres investigados envolvem algumas categorias básicas da produção/manutenção da vida no campo, como: saúde, alimentação, trabalho, religião, educação, entre outros. Acreditamos que entre os saberes e fazeres das mulheres cerradeiras, estão inclusos os cuidados básicos com a saúde da família, com o solo, o cultivo de hortas, a elaboração de remédios, as curas e tratamentos com plantas, as rezas e práticas de artesanato e a culinária. Tais práticas conferem uma identidade camponesa tradicional, marcada pela luta contra a expropriação sofrida com o avanço da agricultura capitalista, privação econômica e vulnerabilidade, pela inventividade na busca de alternativas para essa condição e resistência ao modo econômico hegemônico vigente em permanecer em contato com o bioma/natureza, contribuindo, inclusive para a preservação do mesmo.

Os momentos na residência de D. Zenaide foram importantes para perceber o quanto a noção de vida pacata no campo, presente no imaginário de quem mora na cidade, é falsa. D. Zenaide não para um segundo, conforme podemos ver na Fotografia 3. Alimenta as galinhas, colhe maracujás, já extrai a polpa para guardar para os sucos, colhe alface, rúcula, cebolinhas e tomates para o jantar, aproveita para retirar umas folhas velhas e adubar as pimentas e já chega retirando as pencas maduras do cacho de bananas que está pendurado na varanda, enquanto eu estou ali, observando todo esse movimento, fotografando e refletindo sobre minha fantasiosa concepção de vida sossegada.

Fotografia 3 – Dona Zenaide e sua lida diária

Fonte: Pesquisa de campo, 2017
Autoria: O autor

Dona Laurinda, solteira, morou sempre nas fazendas, trabalhando. Aprendeu a fiar ainda criança. Hoje mora na cidade, não tem mais o tear, mas tece todos os dias no tear do Museu Histórico de Jataí. Participa ativamente do grupo de fiandeiras do município (Fotografia 4). Foi numa reunião de fiandeiras que eu a conheci. Aquele sorriso aberto me convidou a estar junto dela.

Fotografia 4 – Dona Laurinda Tecendo uma colcha vermelha

Fonte: Pesquisa de campo, 2017
Autoria: O autor

Existe a necessidade de construir e fortalecer pesquisas geográficas que permitam a reflexão sobre as relações sociais de gênero nas atividades cotidianas das mulheres e a importância dos saberes e fazeres da mulher na luta pela conquista do seu empoderamento,

à medida que esta constitui-se um ser que dá à luz, cuida, alimenta e acalenta, ao mesmo tempo em que se dedica ao trabalho com a terra. Em muitas situações, mesmo estando fora da terra, ela busca manter os laços com suas práticas tradicionais e, conseqüentemente, com o Cerrado.

A alimentação é assunto importante para as mulheres cerradeiras e nas narrativas de vida muitas vezes o termo fartura foi dito, nos deixando a percepção de que no presente o alimento é mais regrado, principalmente para aquelas que moram na cidade e que precisam adquirir nos supermercados o arroz, o feijão e a carne, antes tão abundantes.

Falar de comida e fartura também remete à memória das festas religiosas, aos terços, rezas e traições.

Muita festa... “traição”, já ouviu falar? ... o povo tava assim tudo pra roça... a roça tava cheia, plantava... quando a gente acordava de madrugada o povo lá... madrugada nada... esperava a gente dormir já vinha o cara tocando sanfona e fazendo barulho e cantano... aí era festa, sabe? Aí no outro dia eles chegava tudo com as enxada e ia limpar as roça... todo mundo... aí você não tinha nada preparado, aí você ia correr pra fazer comida pra aqueles povo... tinha hora que as mulhé deles, dos traícoeiros, que ia dar a traição, já fazia lata de doce, fazia tudo na casa delas e depois passava pra eles, sabe? Aí já vinha a merenda pronta. Biscoito assado, carne na lata, almonca... era farturão danado. ... (D. Diolina, Entrevista, 2018).

Conversando sobre o passado de Dona Livertina em relação à comida:

- Ah minha fia, farturão viu. Era chiqueiro cheio de capado, era vaca pra tirar leite. Nois mexia com plantação. Aí ele [marido] tirando leite, punha lá na desnatadeira e eu ia disnatá, sabe? Cê já viu disnatá?
Tem dois cano assim, um sai a mantêga e o outro sai o soro. E toca ela. Aí o leite lá em cima, vai descendo, sabe? Frevendo. O creme sai puuurim, cê precisa ver que beleza. Já desnatei demais nessa minha vida. Já fiz queijo, sabe. Mexia com tudo. Capado, monjolo. Tudo isso eu já mexi. Fazia farinha.
O monjolo cê soca o arroiz, o milho, cê faz uma farinha, né? Aí se quiser socar um pilão de trem pra dá ração pras criação é só por lá no monjolo um pouquinho e tá pronto (D. Livertina, Entrevista, 2017).

De igual tradição é o consumo do Pequi. Fruto nativo do Cerrado, de extração em épocas determinadas do ano, sua mistura em arroz, em molho de frango é motivo de festa na hora da refeição.

Dona Sebastiana (Fotografia 5) é profunda conhecedora do Cerrado, não sabe ler e nem escrever mas é capaz de identificar plantas, folhas, frutos e raízes de todo o Cerrado. Mora na cidade, nasceu e morou em propriedades rurais, trabalhando desde criança, cozinhando para os peões. Segundo ela, com 12 anos, às 4 h da manhã já estava de pé

moendo a cana-de-açúcar para fazer o melado que serviria de merenda para aqueles que iam para a lavoura. Conta ainda que aos 16 anos veio sozinha à cidade para se registrar e o escrivão se recusou a colocar o nome do pai que ela afirmara, por ele não estar presente. Por isso, sua identidade está escrito “pai desconhecido” e seu registro possui somente o nome de sua mãe, que também não estava com ela no momento de seu registro. Benzedeira e cozinheira, D. Sebastiana faz sabão com restos de óleo, lava roupas para hotéis, faz carne na lata e bolo para vender, além de procuradíssimos xaropes, mas sua paixão mesmo são as orquídeas que ela mesma extrai do Cerrado.

Fotografia 5 – Dona Sebastiana com sua neta em meio às plantas que tem em seu quintal



Fonte: Pesquisa de campo, 2017
Autoria: O autor

Entre tantas conversas, conhecemos inúmeras plantas e seus benefícios. Açafrão, gengibre, hortelã, malva, poejo, transagem, erva de santa maria, erva cidreira, alecrim, manjeriço e alfavaca. Plantas e raízes (Fotografia 6) que são remédios para garganta, infecção na bexiga, nos rins, no intestino; calmantes e ansiolíticos; digestivos; contra dores nos rins e dores de cabeça; problema de respiração e alergias; tosse e gripe; cancerígenos; depurativo do sangue.

Fotografia 6 – Raízes retiradas do Cerrado para confecção de remédios

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Autoria: O autor

Conversando com Dona Devoir, ela nos ensina sobre remédios e chás:

Mistura um poejim com gengibre, canela, mel... sara na hora.
Meu neto, desde pequeno, eu dava ... começava a doer a garganta eu dava... hoje ele vai lá faz. Pega embaixo, pega os galhos e freve, e faz gargarejo.
Você já viu falar no poejinho? Menino quando tá com dor de barriga, você tá com queimação no estômago, você faz um chazinho de poejo, mas é bom...
Tem Bálsamo também, não falei pra você... é da folha grossa... se você tá com estômago queimando, cura... minha neta tinha gastrite, sarô... (D. Devoir, Entrevista, 2017).

Dona Juliana foi parteira desde mocinha. Acostumada a ajudar a avó, quando a necessidade bateu em sua porta, ela resolveu sozinha. Orgulha-se de ter feito o parto de todos os sobrinhos e netos. Mas conta a passagem triste de uma filha que, grávida de gêmeos, um não resistiu ao parto por estar atravessado.

Aí, nasceu um menino, o outro, cadê? não nasceu porque tava atravessado, como é que faz?

Eu sabia que era dois. Eu falava pra ela que ela ia ter dois filhos gêmeos.

Um dia eu falei: - ô, Eli, vem cá! ela chegou eu falei: - Faz assim: Eu passei a mão e senti, tinha um de cá e outro de cá. É dois filhos. Ela falou: - Não, mãe, não fala uma coisa dessas não, mãe...

E aí, na hora do parto, cadê que vinha o outro? Não vinha o outro... não vinha porque tava atravessado. Aí eu falei, vamo tê que ir pra cidade.

Eu cortei o umbigo, aí, porque eu pensei: se incolher vai dar uma hemorragia nela, não pode deixa de jeito nenhum, tem que amarrar aqui. Puxei o cordão bem amarrado e amarrei na perna.

Pro umbigo não recolher pra dentro. Amarrei na perna do menininho. Eu amarrei porque o umbigo não pode recolher não. Se ele recolhe é perigoso dar morragia.

Aí, chegou, o Dr. Otto olhou, tava tudo direitinho.

Depois disso, eu falei: - também eu vou largar dessa, vou largar... quando tiver uma mulher passando mal pra ganhar nenê eu não vou mais. Não deu outra,

quando eu cheguei lá na fazenda, oh, a mulher do João passando mal, foi eu que fui lá e peguei o menininho dela.

Das minhas cunhadas tudo, eu peguei, os meninos delas, os meus sobrinhos eu peguei, das meninas, eu peguei um punhado. Peguei uma lá na roça. Lá na fazenda... (D. Juliana, Entrevista, 2017).

Os partos são um caso à parte nas narrativas de vida presenciadas. Sempre acompanhados de muita emoção, as recordações fluem que quase é possível assistirmos novamente os fatos pelos olhos de quem conta. Principalmente os primeiros partos realizados, que sempre vem com mais imaturidade, algumas mulheres relataram fazer seu primeiro parto ainda criança.

A Fotografia 7 retrata Dona Juliana benzendo um senhor que chegou em sua residência enquanto estávamos lá. Segundo ele, qualquer problema que você estiver passando, é só vir aqui que Dona Julia (como é chamada) benze você e tudo na sua vida melhora. Dona Julia nasceu e morou sempre no meio rural, quando criança morava com os pais que eram trabalhadores em propriedades de outras pessoas, depois com o marido, na mesma condição. Foi parteira, é benzedeira, planta ervas medicinais, faz remédios e garrafadas, cria galinhas e porcos. Hoje, viúva, depois de 65 anos casada, mora na cidade.

Fotografia 7 – Dona Juliana e a prática de benzer



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Autoria: O autor

Enquanto Dona Livertina nos conta sobre seus saberes de rezas e benzições, ela mostra como tem que colocar os pés da criança ao benzer de vento virado (Fotografia 8).

Benzê, ainda benze ainda. Mas agora o povo nem num traz criança pra gente benzê mais. Parece que não tem minino de benzê mais. Mas já benzi demais de quebrante. Só uma benção que nunca aprendi fazer: vento virado. A minha mãe num me ensinou, né? A benzê de vento virado. Benzê de vento virado, pega, vira os pezim dos bichim e faz uma cruz lá na porta, sabe? Três vezes. O quebrante é muito simples. O quebrante cê panha 3 ramim verde, e reza Crê em Deus Pai, Padre Nosso e uma Ave maria e pronto. Minha mãe que me ensinou. Ela era benzedeira. Minha mãe benzia de quebrante, zipela, cobreiro, vento virado. Mas ela num ensinou eu a benzer de cobreiro e nem de vento virado. Eu aprendi a benzê só de quebrante. E tem outra coisa que eu benzo também, negócio de problema de oio. O oio cê reza pá Santa Luzia né? Aí cê reza um Padre Nosso com uma Ave Maria e oferece pá Santa Luzia tirá aquele pobrema da vista daquela pessoa. Ahhh mas é bom demais. Porque Santa Luzia é a nossa protetora, né; da visão (D. Livertina, Entrevista, 2017).

Fotografia 8 – Dona Livertina mostrando como segura os pés da criança para benzer de vento virado.



Fonte: Pesquisa de campo.
Autoria: O autor, 2017.

Eu benzia. Do mal olhado eu benzia assim: Fulano, te benzo de quebranto e mal olhado. Com dois te puseram. Com três te tiro. Eu, com os poderes de Deus e da Virgem Maria... falava três vezes e rezava um Pai Nosso com três Ave Maria... oferecia pra Nossa Senhora, pra Jesus... (D. Diolina, Entrevista, 2017).

Não somente benze-se as pessoas para tirar delas o mal, mas também se benze, por exemplo, os pastos para afastar as cobras. Quando aparecem seguidamente animais ofendidos de cobra, uma pessoa que benze de cobra tem que ir lá para afastá-las. É uma forma de benzer bastante rara.

Benzer de cobra, assim, tirar as cobra do lugar, eu benzo. Inseto na roça eu benzo. Tudo eu benzo. E benzo daqui de casa mesmo. Quando eu não tô, assim, apertada e fala: - vamo lá? E eu: - vamo. Quando eu tô apertada eu falo: - não, tem nada não, vou benzer daqui, eles chega aqui e fala: - os trem lá melhora foi muito. Eu falo: - vou torna benzer.

Eu só rezo pela Nossa Senhor de Aparecida, que eu tenho muita fé com ela, e o Divino Espírito Santo. Cobra você não pode mandar pra qualquer lugar porque tem muita fazenda. Tirar a cobra numa fazenda e pôr na outra? Não adianta, não.

Eu não vou fazer o mal pros outros. Eu já mando elas pro rumo do rio. Elas vai, cai tudo dentro d'água ali, oh, onde elas quiser sair que sai, mas pra terra dos outros não... subir pro morro...praquelas biboca de pedra, você põe elas pra lá, num lugar que não dá em galho, vai ninguém, não vai gado, nada, manda elas pra lá (D. Juliana, Entrevista, 2017).

As crenças nas benzeduras atravessam gerações e estão ligadas aos saberes e fazeres populares e às tradições de cada povo. Cada mulher tem seu ritual na hora de benzer, chamar os santos, anjos, espíritos protetores, sussurrar palavras e orações, versos e rimas. Enquanto algumas abrem a torneira para que a água leve os males embora, outras utilizam crucifixos, ramos de plantas capazes de sugar a energia ruim que está acompanhando a pessoa.

CONSIDERAÇÕES

É analisando como as mulheres que vivem no e do Cerrado desempenham em seu cotidiano, saberes e fazeres elaborados a partir da tradição camponesa em interação com o Cerrado, no contexto de luta pela terra e afirmação identitária e refletir sobre a resistência desses conhecimentos diante da expansão capitalista que acreditamos contribuir para o registro e resistência dessas práticas, pela divulgação dos saberes encontrados e relacionando a necessidade de preservar o bioma com a preservação dos próprios Povos Cerradeiros.

Para a mulher incumbe-se a responsabilidade de zelar pela organização do lar, da cozinha, da família, da terra, da vida e por consequência do protagonismo na proteção da tradição camponesa, conservando as práticas e técnicas constituídas na dura realidade e transmitindo-as para as novas gerações.

Reconhecemos durante este trabalho de pesquisa que os saberes e fazeres das Mulheres Cerradeiras englobam os cuidados básicos com a saúde da família, com o cultivo de hortas, a produção de remédios e os tratamentos com plantas, as rezas e benzeduras, as práticas de artesanato e a culinária.

Tais práticas conferem uma identidade camponesa tradicional, marcada pela luta contra a expropriação sofrida com o avanço da agricultura capitalista, privação econômica e vulnerabilidade. São as Mulheres Cerradeiras responsáveis pela manutenção e prática desses saberes, pela inventividade na busca de alternativas para essa condição e resistência ao modo econômico hegemônico vigente. E seus saberes e fazeres baseados em elementos

do Cerrado, aprendidos desde vossas infâncias em contato com o Cerrado, contribuindo para a preservação do mesmo são considerados as Práticas Cerradeiras.

Essa pesquisa constitui-se num trabalho de fundamental relevância para a construção do espaço geográfico e viabilização da vida. Além disso, tais práticas representam inegavelmente uma busca em se apropriar do território no Cerrado.

Existe a necessidade de construir e fortalecer pesquisas geográficas que permitam a reflexão sobre as relações sociais de gênero nas atividades cotidianas das mulheres e a importância dos saberes e fazeres da mulher na luta pela conquista do seu empoderamento, à medida que esta constitui-se em ser que cuida e dá à luz, alimenta e acalenta, ao mesmo tempo em que se dedica ao trabalho com a terra. Em muitas situações, mesmo estando fora da terra, ela busca manter os laços com suas práticas tradicionais e, conseqüentemente, com o Cerrado.

O modo de produção hegemônico vigente, o capitalismo, busca produzir estritamente mercadoria, esteriliza a terra, distancia a mulher dos seus conhecimentos e de sua relação com a terra, como também de sua capacidade criativa e afetiva. O desafio deste trabalho foi encontrar no território do Cerrado brasileiro mulheres que resistem e desempenham suas práticas tradicionais, culturais e materiais de reprodução sociocultural da vida e da família, indicando quais práticas ainda existem e qual o significado dessas para elas, do ponto de vista social, cultural, afetivo e econômico. Tais práticas ainda permanecem, resistem e são transmitidas às gerações vindouras, por meio de suas Práticas Cerradeiras cotidianas.

O sentimento de pertencimento ao Cerrado acompanha as mulheres investigadas, embora muitas delas sequer saibam o que isso significa, elas demonstram em suas falas respeito e gratidão ao Cerrado.

Dentre as mulheres investigadas observamos que suas narrativas de vida retratam profundas marcas que moldaram seus seres como vemos hoje, de forma a termos a exata percepção de suas privações, humilhações, perdas de entes queridos, e também festas, aprendizados e vivências familiares.

Em cada mulher investigada pudemos conhecer seu passado e seu presente. Em cada história contada, em cada memória tivemos a oportunidade de vivenciar juntamente com sua narrativa, os sentimentos que elas resgatavam.

Fome, miséria, privações. Frio, calor, chuva, sol. Violência física, psicológica, sexual. Alegrias, festas, comidas. Filhos, pais, maridos, amigos. Aprendizados. Cada

narrativa, várias histórias de vida. Cada vida, narrativas de luta e superação. Entre uma e outra mulher, sentimentos transbordavam em mim, pesquisadora e mulher. Impossível não permitir que tais lembranças não me afetassem, não se misturassem com as minhas, não me moldassem como mulher.

Em suas intimidades, cada mulher pode me desenhar seu retrato. Dentre cuidados com a saúde e educação dos filhos e maridos. Os cuidados com as hortas e pequenos animais. As “ajudas” na roça, ainda que tais ajudas durassem todo o dia, eram apenas ajuda, pois seus trabalhos estavam na casa, quando retornavam, já a noite, e tinham que preparar o jantar, a comida do dia seguinte, lavar as roupas, limpar a casa e cuidar dos filhos, ainda assim, após um dia inteiro de jornada na roça, elas apenas ajudaram.

Cada mulher é guardiã da moral dos cuidados, da lida com os alimentos e com a saúde e dos cuidados com os filhos. A elas não cabiam o direito aos estudos, ao lazer e ao trabalho, mas vimos suas conquistas emergindo de suas lutas.

Dialeticamente, entre queimadas e derrubadas, as Mulheres Cerradeiras resistem e (re)existem em face à expansão do modo de produção capitalista sobre as terras do bioma Cerrado. Diante dos conflitos territoriais, a resistência ao processo de uso e ocupação do Cerrado pela agricultura capitalista acontece.

As disputas territoriais e as relações de poder demonstram seu aspecto dialético na medida em que as Mulheres Cerradeiras transformam dor em amor, expropriação em ação, violência em respeito, proibição em atitude, estigma em respeito, força em consenso.

Pode não ser fácil, tampouco de maneira consciente, mas as Práticas Cerradeiras apreendidas no território Cerrado são traduzidas em resistência e (re)existência pelas Mulheres Cerradeiras.

Ao final desta pesquisa, esperamos ter demonstrado que as Práticas Tradicionais Cerradeiras ainda permanecem entre as Mulheres Cerradeiras e são transmitidos a outras gerações de mulheres e homens e, constatar que, mesmo em meio às dificuldades impostas pelo sistema econômico, as pressões dos agricultores capitalistas e até mesmo a expropriação, muitas vezes inevitável, há um sentimento entre essas mulheres de pertencimento ao domínio Cerrado. Que diante do avanço das relações capitalistas de produção, está presente no território, o trabalho efetuado por mulheres que possui significativa relevância, porém, são duplamente desvalorizados justamente por não

integrarem práticas “modernas” da economia capitalista e também por serem desempenhados por mulheres.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Maria José; TEIXEIRA, Vanessa Lopes. **Mulher rural nos discursos dos mediadores.** Estudos sociedade e agricultura, v. 5, 1995. 45-47. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/cinco/zeze5.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: **Cerrado: perspectivas e olhares.** PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. (Orgs.). Goiânia: Editora Vieira, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CASTILHO, Denis. **Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico.** Revista mirante, v. 2, n.1. Pires do Rio - GO: UEG, 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira (Orgs.). **Os Saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

INOCENCIO, Maria Erlan. **O Prodecer e as tramas do poder na territorialização do capital no Cerrado.** 2010. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

LIMA, Sélvia Carneiro de; CHAVEIRO, Eguimar. **O Cerrado goiano sob múltiplas dimensões: um território perpassado por conflitos.** Espaço em Revista, Catalão. v. 12, n. 2, jul./dez. 2010. p. 66-83.

MAZZETTO SILVA, Carlos Eduardo. **Lugar-habitat e Lugar-mercadoria: Territorialidades em tensão no domínio do Cerrado.** In: ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice (Orgs.). **A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. p. 217-244.

SILVA, Flávia Gabriela Domingos; BUENO, Miriam Aparecida. **Os Territórios cerradeiros nas aulas de geografia: análise da abordagem do conceito de Cerrado no Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 5, n. 10, jul./dez., 2015. p. 193 - 211.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Dimensões e concepções camponesas. In: CAVIGNAC, Julie; MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. (Orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro.** Natal, RN: EDUFRN, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufrn.br>>. Acesso em 3 out. 2017.

Submetido em 15 de outubro de 2020

Aceito em 03 de dezembro de 2021

Publicado em 30 de dezembro de 2021